

O NOVO FANGUEIRO

Director: ARMANDO SARAIVA

Mensário Regionalista - Preço: Eur 0,50

Editorial

ORA BOLAS, SENHOR PRESIDENTE

Por ARMANDO SARAIVA

No jornal "Público", de 27 de Janeiro, lemos uma crónica, assinada pelo sempre bem informado jornalista Francisco Fonseca onde diz que o Governo está disponível para viabilizar o empreendimento no Pinhal de Ofir.

Nós já nos referimos ao caso, tempos atrás. Um simpático e poderoso empreiteiro local adquiriu uma faixa de terreno que é, a nosso ver, a mais agradável zona do pinhal de Ofir, um local de encantamento que desde há muito vem sendo cobiçado por vários patrões que não conseguiram das câmaras anteriores o aval necessário para ali abaterem o viçoso e remançoso pinhal e em seu lugar erguerem casas para venda. Uma das câmaras que soube resistir ao cerco, honra lhe seja feita, tinha à sua frente essa frágil figura composta de determinação e bom senso, enovelada ainda por uma gaze de simpatia, que dá pelo nome de D. Tininha. As nossas relações eram de mútua simpatia e nós changámos-lhe o ouvido: não deixe!, não deixe! Olhe que o pinhal é a riqueza de Fão. Ela compreendeu e também com grande dose de simpatia soube dizer "não".

Prende-se, diz a notícia inserida no "Público", *construir ali, numa área de 100 mil metros quadrados, 60 vivendas de luxo com o inerente abate de árvores.*

Destruir uma árvore, já em tempos do senhor Manuel Joaquim, um "brasileiro" que nos surpreendeu, a mim e ao meu companheiro de infância, Manuel Raimundo, a desbastar um simples arbusto, significava, em seu entender, destruir um património da Humanidade. O que representa nos dias de hoje, destruir centenas de árvores numa altura em que os arautos dos tempos letais que nos esperam já se mostram no universo em grande profusão: efeito de estufa, buraco de ozono, dióxido de carbono, destruição de calota ártica, El Nino e muitos que tais.

Diz ainda o jornalista Francisco Fonseca: Tudo indica que o empreendimento será licenciado. João Cepa tem o pedido de licenciamento na gaveta há muito tempo e não poderá esperar muito mais. Terá dito ainda o magistrado municipal. *"Não me venham pedir responsabilidades todos estes anos depois. Aprovaram o Plano Director Municipal que permite ali construir"*.

Ora bolas, Senhor Presidente, de si e de mais ninguém depende a preservação do deleitoso pinhal de Ofir. Esclareça os ministros do que se está a passar, das consequências gravosas que resultariam se houver um sim governamental. Não queira ficar na memória do povo como o maior arboricida dos autarcas concelhios.

SER PORTUGUÊS

Por EDMUNDO MARQUES

Discutia há dias com um amigo as dificuldades por que passamos, enquanto país, nesta fase má da nossa vida colectiva. De chofre, oiço a pergunta: acredita que sairemos rapidamente desta crise ou antes, sendo ainda mais directo, acredita na viabilidade de PORTUGAL?

Porque o meu interlocutor era um Homem extremamente culto, considerei a pergunta um desafio para ouvir a minha opinião, sabendo de antemão qual seria a minha resposta.

E porque considero que existirão leitores menos preparados que também se interrogarão, entendi completar com este, o editorial que foi publicado no último número deste Jornal, exprimindo claramente a minha opinião sobre uma questão que nunca tinha posto a mim próprio.

SERÁ PORTUGAL UM PAÍS VIÁVEL no contexto europeu alargado que se avizinha?

Não esconderei que algumas vezes reflecti sobre isso e foi questão que nunca me preocupou. Sempre que o fazia, vinham-me à memória as lições do meu velho professor de História ouvidas à muitos anos, já nos bancos do Liceu que frequentei.

Claro que Portugal é viável. É-o, porque a crise presente é só mais uma pequena crise das muitas porque passou este velho e belíssimo país. Sempre que elas surgiam, os portugueses encontravam soluções que fizeram de Portugal um grande país. Apetece-me dizer até, que foi graças às crises que os portugueses,

excedendo-se a si próprios, transformaram Portugal no país respeitado que hoje é.

As crises são para os portugueses quase um estado de alma. Habitamo-nos a viver com elas desde o nascimento do condado Portucalense à sombra do qual nasceu Portugal. O que parecia ser uma crise entre Mãe e Filho, serviu de pretexto para se fomentar o aparecimento dum novo Estado e, à custa desta causa nobre, se ganhar-se dinheiro retribuindo com os saques das terras conquistadas o esforço dos guerreiros que o conseguiram.

Esgotada a possibilidade de conquistar mais terras na península, seguiram-se, sem qualquer preocupação de ordem cronológica, as tentativas da conquista do norte de África, a descobertas dos novos mundos - Índia e Brasil - para onde transportamos sempre, a par da cruz, a espada; depois a emigração, a perda do império - que durou perto de cinco séculos - para, finalmente ficarmos reduzidos ao pequeno-grande país que somos actualmente.

(Continua na pág. 3)

VULTOS DE ESPOSENDE - 12

Por ARTUR L. COSTA

VALENTIM RIBEIRO DA FONSECA

O Pai do novo Hospital

No princípio do século passado, Esposende recebeu o apoio e a benemerência de um grande vulto do Concelho: Valentim Ribeiro da Fonseca. Com a experiência e a vida activa de muitos anos passados no Brasil (actividade bancária), soube aplicar os seus meios de fortuna em favor dos seus conterrâneos. Tanto assim foi que, das áreas onde investiu o seu capital humano e material, os resultados dizem bem da sua capacidade de empresário, de filantropo e de cavalheiro.



• As iniciativas de benemérito

O novo hospital da Misericórdia, mais que um símbolo é a expressão da intensa actividade de Valentim Ribeiro da Fonseca. Por isso, o seu nome ficou gravado no Quadro de Honra de Esposende. E, segundo o apontamento crítico de José da Silva Vieira, ao tempo, depois de noticiar a morte deste vulto de Esposende, refere: "É esta sua verdadeira glória que conquistou à custa de muitos desgostos, incompreensão, trabalho intenso e desgaste..." Mas a sua pertinácia, a vontade de exterminar a grande nobreza no Concelho, tudo fez para continuar essa obra.

Mas a cultura e o lazer estavam, também, no seu horizonte: Assembleia - Teatro Clube, a substituir instalações impróprias, por outras mais seguras e eficientes. A iniciativa teve acolhimento e a 13 de Novembro de 1908, em primeira página, "O Esposendense" noticia: "Valentim Ribeiro da Fonseca vai mandar edificar, num dos pontos mais centrais de Esposende, a casa para a instalação da Assembleia Esposendense; com o anexo, a secção de bombeiros e um teatro".

O projecto, trabalho de Ventura Terra, arquitecto, apresenta o desenho, o alçado e a fachada principal e as obras têm início a 4 de Fevereiro de 1909.

A inauguração, com pompa e circunstância, ocorreu a 1 de Janeiro de 1913, com um sarau que encheu a sala. Esposende recebe a visita da Tuna Académica de Coimbra, que vai actuar no elegante salão do teatro Club. E o sucesso do sarau entusiasmou o público. Entretanto, o animatógrafo funcionava nas instalações do Teatro

(Continua na pág. 3)

O Novo Fanguero vende-se na Didáctica Papelaria

Rua dos Bombeiros Voluntários, 16 - FÃO - Telef. 253 983514

NOTÍCIAS DE ESPOSENDE

Por ARTUR L. COSTA

Requalificação da APPLE, em estudo, no Ministério do Ambiente

Informações recolhidas na sede da APPLE (Área de Paisagem Protegida do Litoral de Esposende), encontra-se em fase de estudo no Ministério do Ambiente, a próxima requalificação desta entidade local, faixa costeira que se situa entre Apúlia, a sul, e a foz do rio Neiva, a norte.

É prematura, todavia, considerar-se como certa a próxima "promoção" da APPLE, que vai integrar a orla costeira até à foz do rio Minho e o seu afluente Coura, o rio das trutas. Outros projectos envolvem esta área do litoral de Esposende, entre eles, o POOC (Plano Operacional da Orla Costeira), onde se integrava a demolição das torres de Ofir. Há ainda a considerar, a defesa do litoral com os avanços do mar e a vasta zona húmida do Rio Minho e o pinhal do Camarido, em Caminha.

Segundo notícias vindas a público, todo este conjunto de áreas e a zona costeira do nosso litoral, vão integrar o Plano Finisterra, interrompido com o naufrágio do petroleiro "Prestige".

Toda esta futura zona de interesse ecológico e património natural, vai designar-se Parque Natural e manter a sede em Esposende.

Recorda-se que a APPLE foi criada pelo Decreto-Lei 357/87, de 17 de Novembro, para fazer a gestão da área do litoral, bastante degradada.

Posse dos órgãos sociais da Misericórdia

Apurados os resultados das eleições de Dezembro, dos órgãos sociais da Santa Casa da Misericórdia de Esposende, tomaram posse os membros eleitos (lista única), em cerimónia da Eucaristia de 11 de Janeiro findo, à tarde.

Foi celebrante da Eucaristia, Mons. Baptista de Sousa, Capelão da Misericórdia, na qual e em momento próprio da celebração, cada um dos membros, depois da leitura do compromisso, assinaram o livro de posse, conferidas pelo presidente da Assembleia Geral, dr. Mouteira Guerreiro.

Terminada a cerimónia, o presidente da Mesa da Assembleia proferiu algumas palavras de circunstância, dado que tem sido sucessivamente eleito desde 1987, conjuntamente com o Provedor. O Dr. Abílio da Silva Teixeira é o presidente do Conselho Fiscal.

Abriu a época da lampreia

Segundo o Regulamento de Pesca do Rio Cávado, a época da "pesca" à lampreia em Janeiro findo e que se prolonga até Maio próximo.

Esta actividade é livre desde que os pescadores se inscrevam na Delegação Marítima de Esposende, embora distinta: profissionais e amadores ou desportivos, desde que sejam cumpridos os preceitos regulamentados.

A estacada junto à ponte de Fão já se encontra montada e nela podem intervir os arrais e os pescadores inscritos, alternadamente, de Esposende e Fão.

No início de cada época, a procura é incessante e cada exemplar capturado atinge valores elevados, embora o mau tempo que se fez sentir tenha prejudicado, quer a entrada no rio, quer a captura a lampreia. Este ano, os primeiros exemplares foram vendidos a 75,00 euros (15 contos), prevendo-se a baixa deste valor perto do fim da época.

FALECIMENTOS

João Eduardo Pinto da Costa

Devido a doença súbita, faleceu em 16 de Janeiro findo, João Eduardo Pinto da Costa, 68 anos, casado, aposentado, natural de Esposende e radicado em Leça da Palmeira, Matosinhos.

O saudoso extinto, deixa viúva D. Maria Manuela Pinto da Costa, era pai de Paulo, D. Gabriela e D. Cláudia Pinto da Costa.

João Eduardo deixou Esposende muito novo, em busca de melhores condições de vida e de futuro.

Bom futebolista, deixou marcas em Esposende e, bem assim, a saga de velejador que veio a ter continuidade no Porto, tendo prestado bons serviços ao

desporto regional e nacional, nas modalidades de vela que sempre praticou.

Depois de exposto na igreja do FOCO, o seu funeral realizou-se para o cemitério de Prado do Repouso, Porto, no dia seguinte ao seu falecimento.

À família, viúva e filhos, aos restantes familiares de Esposende, os sentimentos de pesar de "O Novo Fangueiro".

João Vieira Terra Loureiro

No Brasil, faleceu João Vieira Terra Loureiro, casado, 68 anos, comerciante, natural de Esposende, aí radicado há 50 anos.

O saudoso extinto, jovem de uma geração de tradições, deixa viúva D. Maria Cândida Pires. Era pai de Paulo Roberto e oriundo de pais de Esposende, que residiram na Rua do Arco.

Ninguém estranha o que vai pelo Mundo, onde se enraíza cada vez mais o mal e a força bruta. O João do Isolino foi assaltado e sequestrado à porta do seu estabelecimento, em fim de dia de trabalho. Os dois meliantes, empunhando armas de fogo mandaram-no seguir para local bem distante da sua residência, calcula-se a mais de 200 quilómetros. Depois de roubado, abandonaram o inditoso esposendense, despojado de tudo, excepto a vida.

Depois de socorrido no Hospital da Penha, por intermédio de carro patrulha da polícia, com ajuda do filho, chegou a casa, na Ilha do Governador. Ninguém sabe o porquê, mas tempos depois morre...

Aos familiares, em especial, à viúva e filho, vão os sentimentos de pesar de "O Novo Fangueiro".

Actividade dos Bombeiros Voluntários

- Estatística anual

Constata-se, mais uma vez, as fortes oscilações das intervenções e socorros pedidos durante cada ano. Em relação a 2002, o Comandante dos Bombeiros Voluntários, Prof. Juvenal Campos, os resultados registados e fornecidos dão a medida da actividade do Corpo Activo. Os valores de 10.153 socorros prestados referem-se a: 106 incêndios e a 233 acidentes rodoviários e a 54 acidentes de trabalho, além de 7 marítimos; de acidentes diversos, 212; de emergências, foram registados 1.392 casos e de condução de doentes 7.697. De assinalar 29 chamadas falsas e das mortes; por acidentes rodoviários 7 e por doença súbita foram 13 e 1 em diversos. Perdemos pois, a fatídica média de 1 morto por dia, em acidentes de estrada.

Missão "Prestige" - Louvados Bombeiros

Integrados na missão Protecção Civil com Grupo Especial de Socorros e Assistência de Bombeiros, participaram 15 elementos de Bombeiros de Esposende, dois dos quais foram louvados.

O Inspector Nacional mandou publicar o louvor concedido a dois elementos, porque "mercê do aprumo, disciplina, espírito de sacrifício e competência operacional, que revelaram a nível colectivo... É conferido público louvor ao Chefe Carlos Alberto Miranda e ao Bombeiro de 3.ª classe Pedro Miguel".

A missão em que se integraram refere-se à penosa recolha de crude nas praias de Galiza, a "operação veio a ser considerada relevante e de muito elevado mérito", quando do naufrágio do petroleiro "Prestige".

Reconhecimento, validação e certificação...

Funciona na sede dos Bombeiros Voluntários de Esposende um curso de Reconhecimento, Validação,

Certificação e Competência (VCC), constituído por 14 elementos.

O resultado do curso tem por finalidade, segundo o presidente da Direcção, Dr. Agostinho Teixeira, "desde que concluído com aproveitamento habilita o Bombeiro a prosseguir a carreira de estudos e valorização pessoal de formando".

Outro curso está em preparação, com idêntica finalidade (habilitar outros candidatos) sobretudo, à equiparação ao 9.º ano de escolaridade.

PRÉMIO "ESPOSENDE AMBIENTE"

Proclamados os vencedores

Aberto o concurso ao prémio "Esposende Ambiente 2002", verificaram-se cinco candidaturas a que o Júri, depois de analisar os trabalhos, atribuiu as classificações às seguintes categorias: Município - Sérgio Alexandre Barral Viana; Junta de Freguesia - Curvos; Escola EPE (Escola Profissional de Esposende); Indústria - Volverine, Tubagem (Portugal) Lda; Associação - Águas Serpa Pinto, Fão; Município - Sara Margarida Abreu Neiva.

No Museu Municipal, em 31 de Janeiro findo, decorreu a sessão de proclamação e entrega dos prémios, a que presidiu o presidente da Câmara Municipal de Esposende, João Cepa, ladeado por representantes do Conselho de Administração das Águas do Cávado, Delegado da RESULIMA e Eng.º Silva Carvalho, da CRAOT-Norte.

Na oportunidade, o Autarca de Esposende referiu os resultados alcançados e recomendou, de novo, o interesse na defesa do Ambiente e da satisfação de sermos um dos quinze melhores Municípios do país. E terminou, dizendo: "Somos um Município em que a defesa do Ambiente está sempre em 1.º lugar..."

• Foi inaugurada a exposição "Tons de Azul" da autoria de Henrique Cruz, que demonstra com é possível bem reciclar os materiais considerados inúteis e, também, do prazer de usar o material para fazer arte.

A exposição, constituída por 20 trabalhos, admirados e elogiados pelos convidados, estará patente ao público até ao dia 28 de Fevereiro, no Museu Municipal.

BOMBEIROS

No dia 24 de Janeiro, na sede dos Bombeiros Voluntários de Fão, houve o tradicional jantar entre as corporações de Fão e de Esposende, o que indicia boa camadagem das duas corporações. Para o ano será em Esposende. Tudo correu às mil maravilhas. Até os idosos e outros utentes do Lar de Fão foram alegrar este salutar convívio.

Neste jantar esteve presente pela primeira vez o nosso Prior, dr. Manuel Rocha.

Aproveitando a sua presença, a Direcção e o Corpo Activo aproveitaram o ensejo para o inscreverem como sócio e investirem-no como capelão dos Bombeiros. O reverendo pároco agradeceu a distinção.

A.V.



Clínica Médico-Cirúrgica

Hercília & Jorge Areias

Prof.ª Doutora Hercília Guimarães

Pediatra - Neonatologista

Prof. Doutor Jorge Areias

Gastroenterologista - Hepatologista

Dr.ª Cristina Areias

Médica Dentista

Bom Sucesso Trade Center • Praça do Bom Sucesso, n.º 61, sala 904 • 4150-146 Porto • Telef. 226 053 625

VULTOS DE ESPOSENDE - 12

(Continuado da pág. 1)

Clube, porque foram vários os anúncios das datas e dos filmes a projectar, além do local.

Estava em marcha, embora com bastantes contatiedades, a ideia de Valentim Ribeiro. E fez o seu protesto, por carta dirigida a José da Silva Vieira, porque sentia incompreensão, falta de apoios e de colaboração dos esposendenses e acusava Silva Vieira. Este confessou e reconheceu a sua culpa. Prometeu, em resposta, acompanhar os acontecimentos. A doença, no entanto, parecia incomodar Valentim Ribeiro pois, noticiava "O Esposendense" da chegada do benemérito, depois de uma estadia de tratamentos em Lisboa.

Outra das "empreitadas" a realizar foi a abertura do arruamento com ligação entre o centro da Vila e o lugar de Góios. Levou o seu tempo, mas a oferta de terrenos de sua propriedade, obrigou mais tarde e depois da sua morte, a Câmara Municipal de Esposende à execução desta obra.

Valentim Ribeiro fez parte da comissão administrativa da Câmara Municipal de Esposende, em 10 de Março de 1919, depois de destituída por efeito da gorada Monarquia do Norte, iniciada no Porto, em que os padres Manuel Sá Pereira e Manuel Giesteira se envolveram e pelos quais foram presos, no Porto e em Barcelos, respectivamente.

• Funeral imponente

Valentim Ribeiro da Fonseca nasceu no lugar de Terroso, Palmeira de Faro, concelho de Esposende. Das actividades, grande parte da sua vida foi passada no Brasil, onde estabeleceu os seus negócios, valendo-se do esforço e dedicação pelo trabalho, para alcançar meios de fortuna. Regressou a Esposende, passou a viver no palacete situado na Rua 1.º de Dezembro, hoje hotel Nélia, onde veio a falecer, com 65 anos de idade, no dia 4 de Maio de 1921.

Esteve em câmara ardente no salão nobre do palacete e o seu funeral realizou-se no dia seguinte, 5 de Maio, organizado segundo os usos e costumes da época. E, tratando-se de cidadão de muita influência social e económica no meio, o funeral incorporou inúmeras entidades civis, militares e religiosas, além de muito povo que beneficiou da sua benemerência, com três turnos de acompanhamento. No cemitério municipal, coube ao Juiz dr. José Silva Silvestre Cardoso, magistrado da Comarca, proferir o discurso fúnebre, com elogios ao falecido, da obra e da sua benemerência.

O passamento de tão ilustre esposendense causou profunda consternação. Era casado com D. Amélia Pascoal, pai de Valentim e António Ribeiro Fonseca Júnior e de D. Maria Amélia Fonseca Barros Lima, sogro de Eng.º Manuel Barros Lima, cunhado de Arminda Marinho e de Henrique Marinho.

• A construção do novo Hospital

Esposende sentia já e de longa data, a necessidade de mudar as instalações do seu Hospital, localizado junto à igreja da Misericórdia. De salientar que o Hospital de S. Manoel fora fundado em 1866 pelo benemérito Manoel Pedro da Silva. Já havia sido ultrapassado na sua missão; era o número crescente de necessitados e, por outro lado, a grande nobreza que ora afectavam muitos dos seus habitantes. O novo edifício, com projecto do arq. Ventura Terra, era o sonho, era o objectivo pois a era moderna pedia instalações apropriadas e com espaços amplos para satisfazer as exigências da medicina, além de outras "Obras de Caridade" previstas no seu estatuto.

Em 24 de Outubro de 1912 é publicado o projecto, com a fachada principal e a planta do 1.º piso.

O início de tão arrojada empreitada ocorreu, pode dizer-se, em 28 de Novembro de 1918, com a "quète" (subscrição) que organizou por entre os amigos e conterrâneos, atingindo o valor de 1.045\$00; em 20 de Março do ano seguinte era de 1.660\$00. A lista era longa; para acelerar a angariação, de sua parte, ofereceu 400\$00; aceitou o pedido de Estêvão de Araújo Motta, de assumir a lista de pedatório a efectuar no Brasil, por

entre conterrâneos e amigos, onde constam nomes conhecidos do concelho de Esposende.

De entre os apoios recebidos de vultos do concelho, do país e do estrangeiro, um sobressai: António Rodrigues Alves de Faria, natural de Forjães. A sua benemerência levou este nosso conterrâneo a mobilar o novo Hospital da Misericórdia, em especial: enfermarias, quartos particulares, sala de operações, gabinete médico, além de outro mobiliário, para dar funcionalidade condigna à "Casa de Caridade".

• Hospital Valentim Ribeiro, a decisão de consenso

Chegou, entretanto, a hora de se atribuir o nome e o patrono deste importante melhoramento para Esposende e o seu Concelho.

Depois da morte de Valentim Ribeiro, em 4 de maio de 1921, as obras de construção continuaram, em bom ritmo. Os responsáveis mantiveram os trabalhos de angariação de fundos, para custearem as obras projectadas até que, já na recta final, para a sua abertura e funcionamento, "na colocação de retratos dos benfeitores no salão nobre, de lápides nas enfermarias, com o reconhecido preto de homenagem". Mas, por carta de um de Agosto de 1929, o dr. João de Barros e Fernando Pereira Evangelista, declinaram com justificada evidência qualquer homenagem e propõem antes: que, "Seja dado o nome do Homem cuja tenacidade e força de vontade o fez construir: Valentim Ribeiro".

Em reunião da Mesa da Misericórdia, vem a decisão de consenso: accedendo à proposta dos signatários da carta de um de Agosto, o Vice-Provedor reuniu a Mesa e delibera por unanimidade: "que ao Hospital de Esposende fosse dado o nome de Valentim Ribeiro".

• Honra ao mérito

Em Novembro de 1929 a imprensa e os meios possíveis espalharam a notícia: O Hospital de Esposende já tem patrono, foi ultrapassada a questão, foram claramente definidas as linhas de orientação e funcionamento. E a 17 de Janeiro de 1930, a pedido do Provedor, Valentim Ribeiro da Fonseca Júnior é publicada a seguinte notícia: "Movimento do Hospital - doentes que transitaram, de 1928 - 11; deram entrada em 1929: 43; total - 54. Faleceram - 5 e saíram 41 - 46; em tratamento - 8. Dias de permanência dos 54 doentes (18h e 36m) - 2.571.

Despesas do Hospital: com os doentes: 17.149\$38 escudos, sendo 9.354\$80 com alimentação e são 3.578\$75 com medicamentos. Médico - Dr. Joel de Magalhães.

A ideia geral que se apurou quanto ao serviço prestado, segundo comentários publicados é de que,

SER PORTUGUÊS

(Continuado da pág. 1)

Não há mais terras para descobrir e conquistar, não há mais emigração possível, não apareceu - felizmente - petróleo na Lourinhã e ficamos felizmente reduzidos àquilo que realmente somos. Se tivesse aparecido, adiaríamos novamente Portugal, fugindo mais uma vez à resolução dos problemas estruturais que hoje nos preocupam.

Um grande povo, senhor dum grande país, cheio de glória e problemas herdados dos nossos antepassados, senhores duma história de que nos devemos orgulhar, habituados a resolver e gerir os nossos problemas saindo em busca do desconhecido, sem nunca nos termos dado ao cuidado de nos disciplinarmos e desenvolver o país que é o nosso espaço natural, esquecendo-nos de que um dia teríamos de viver nele e para ele.

Na minha modesta opinião esse tempo chegou.

Chegou a altura de, terminados todos os ciclos vivido pelo Povo dum país que "deu novos mundos ao mundo", que nem soube roubar os povos que dominou e deixou para outros as riquezas que, no conceito da época nos pertenciam, chegou a altura dizia eu, de PORTUGAL SE CONQUISTAR A SI PRÓPRIO, oferecendo depois ao espaço europeu que agora também é nosso, não por conquista mas por direito próprio, a nossa experiência, as nossas qualidades de trabalho, o nosso saber, o nosso esforço, mas sempre a partir da nossa terra, do nosso Portugal.

"Existe e pontifica alguém desta "Casa de Caridade" que guiada por uma eficaz orientação e seguindo os passos, seguros e acertados do seu digníssimo antecessor e progenitor...", o Hospital manteve regular funcionamento. O ano de 1930 foi de crise, por falta de receitas da Santa Casa da Misericórdia bem como subsídios. O ano foi de "apertar o cinto".

De enaltecimento, por isso, o trabalho desenvolvido pelo filho varão do patrono do Hospital e, por outro lado, o empenho do Arq.º Ventura Terra no desenvolvimento do projecto e da obra.

Valentim Ribeiro da Fonseca é nome que hoje recordamos, perpetuado na Avenida com direcção a Góios (Marinhas), em que parte dos terrenos foram por si doados, porque era imperioso ligar o centro da Vila ao lugar de Góios.

Nota: Consultas na imprensa regional e local "O Esposendense"; Biblioteca Municipal de Esposende; "O Teatro-Clube", de Bernardo Ferrão, Arq.º.

TEMPLOS DE JANÓ

Por: PIRES DE AZEVEDO

Latinos no essencial, por isso abrimos o ano como os romanos, consagrados a Jano. Na verdade, Janeiro não é o mês de Jano?

Diz a fábula, ou a lenda, que esse Jano era filho do deus Apolo, que o gerara em uma ninfa.

Reinando em Itália, aí vivera durante a chamada "Idade de Ouro". Então, a terra generosa oferecia abundância de flores e frutos. Sulcando os prados férteis, corriam rios de leite e néctar, a bebida dos deuses; e o mel brotava espontâneo das plantas. Brisas suaves levavam pelos ares os delicados perfumes de uma constante Primavera. Nesse tempo, também os homens eram virtuosos: praticavam a igualdade entre si, estimando-se uns aos outros como irmãos amigos... Verdadeiramente, era a "Idade de Ouro"!

Espírito do tempo, Jano praticava a hospitalidade, de boa mente acolhendo todo e qualquer viandante, da sua terra ou de fora. Por isso o representaram empunhando um bastão ou um bordão, atributo dos peregrinos. O seu mais ilustre hóspede terá sido o próprio deus Saturno, na altura fugido à perseguição irada de Júpiter, o deus supremo.

Agradecido pela hospitalidade com que fora distinguido, o ilustre senhor do Tempo concedeu a Jano o dom de conhecer o passado e antever o futuro. Por isso, frequentemente foi representado com dois rostos, jovem um, ancião outro, olhando em sentidos contrários.

Igualmente o figuraram tendo na mão uma chave: aquela, precisamente, com que se entrava no Ano Novo.

Agradecia a um tal rei, generoso e bom, Roma edificou-lhe templo próprio; e muitas outras cidades fizeram o mesmo.

Ora em tais templos havia a particularidade de duas portas opostas: uma, virada a Levanet; outra, voltada a Poente. E tais portas apenas se fechavam quando reinava a paz; e abriram só em tempo de guerra...

Pois bem, nos sete primeiros séculos desde a fundação de Roma, por três breves prazos se fecharam as portas do templo de Jano: no reinado do imediato sucessor de Rómulo, o também lendário Numa Pompílio; no termo da primeira guerra púnica, derrotada que fora Catargo; e em tempo da "Paz de Augusto", o primeiro imperador romano. Praticamente, pois, ao longo de sete séculos, as portas do templo de Jano permaneceram abertas de par em par...

Neste nascer de 2003, neste Janeiro, quando de todos os quadrantes rufam os tambores de guerra, com espírito fraterno vivamos o peregrinar das gentes, que somos todos; façamos que, por um mês ao menos, se calem os tambores malditos; ajudemos a fechar as portas dos templos de Jano, onde quer que eles estejam!...

HISTÓRIA DOS CORREIOS NO CONCELHO DE ESPOSENDE

RESENHA HISTÓRICA

Secção - 4

dias úteis (das 9 às 20h) e limitado nos domingos e feriados (10 às 12h).

O traçado de Paredes ao Posto de Apúlia começou a ser montado, em Maio de 1939. Foi seu primeiro encarregado António Fernandes Torres, veio a ser exonerado, a seu pedido, por alvará de 13-2-1940. Em Maio seguinte, o Posto de Correio e Telefone é transferido para a Casa do Povo de Apúlia, com a designação PCTF, por alvará de 19-12-1952. Contudo, devido à criação da Estação Telégrafo-Postal de Apúlia, foi suprimido.

Actualmente existe um Posto telefónico público a cargo de Francisco Caridade, com o n.º 981636.

POSTO DE CORREIO DE 3.ª CLASSE DE AREIA (Esposende) - Este Posto foi criado em 29-11-1957, tendo como encarregado José dos Santos Fonseca. Foi exonerado, a seu pedido, em 31-5-1962 e substituído por José de Sá Eiras Fernandes.

5 - CONDUÇÃO DE MALAS

O Correio chegava à Estação de Apúlia através de malas, a pé, a partir de Esposende, sede de concelho. Depois, e a partir de 1944, a condução passou a ser feita por Paulino Torres com início na Estação Telégrafo-Postal de Fão, a pé. Seguiu-lhe Isaura de Jesus dos Réis, natural de Fão e, por último, Joaquim Gonçalves Moreira, natural de Apúlia, em bicicleta A pedal. Regressava a Fão às 16h30, para enlaçar a condução até Barcelos.

As ligações entre Postos, o Posto de 1.ª classe (depois Posto Telégrafo-Postal) e os Postos de Correio de 2.ª classe - os autorizados a movimentar correio - supõe-se, era feita pelos respectivos encarregados.

Com o início da distribuição domiciliária na freguesia, manteve-se a condução de malas Apúlia-Fão, até ser transportada pelos Carteiros, quando em serviço no giro motorizado, com início na Estação de Esposende, com triciclo. Este tipo de viatura, que viria a ser abandonado (por inoperacionalidade do veículo) transportava as encomendas e os objectos com entrega ao balcão da Estação de Apúlia. Findo este, iniciava a distribuição domiciliária. O giro era executado por Carlos Rodrigues Moreira, natural de Apúlia. O sistema teve início em Janeiro de 1973, quando da inauguração

ASSEMBLEIA DA FREGUESIA DE FÃO

Em 30 de Dezembro realizou-se a última sessão da Assembleia de Freguesia do ano de 2002.

Teve como primeiro ponto a apresentação dos elementos da lista partidária de Fão (LAF): D. Dalila Novo, Luís Viana e António Viana que no início da legislatura tinham suspenso o mandato, sendo substituídos pela dr.ª Mora Simões e os srs. Francisco Gaifém e João Reis que agora cessaram funções.

Nesta Assembleia foram dadas novidades pelo Presidente da Junta sobre o Museu, Centro de Saúde e obras na ponte. Referente aos primeiros, as coisas estão a andar. A ponte ficará interdita ao público durante alguns meses.

A.V.

ONDE ESTÁ A PLACA COM O NOME DE FÃO??

Outros já se referiram à necessidade de a colocar na entrada da ponte (quem vem de Esposende), uma placa com o nome de Fão, uma vez que a anterior com este topónimo foi retirada há muito tempo.

Estamos aqui a reforçar tal pedido e a chamar a atenção de quem de direito para que se tomem as providências necessárias. Em todas as aldeias, vilas e cidades de Portugal, atravessadas por estradas de categoria, vêem-se nos dois topos limítrofes placas a indicar ao viandante o nome da terra onde se encontram. Por que é que a determinada altura deixou de se proceder assim para com a terra de Fão?

Trata-se de um assunto que diz respeito à Junta de Freguesia e que merece ser tratado com urgência,

A.V.

OS CORREIOS EM APÚLIA

da nova Estação. O giro passou a ser executado, em viatura dos CTT.

6 - DISTRIBUIÇÃO DOMICILIÁRIA

Na primeira fase da Estação de Apúlia houve um giro rural que partia de Fão, mas de área insuficiente para efeitos de distribuição porta-a-porta. Na época, supõe-se, era executado por Valentim Torres Dias, Carteiro supranumerário, de Esposende, admitido em 21-7-1920. Sobre ele, dizia o Carteiro de Fão, António Losa: o Carteiro de Apúlia tinha o hábito de ler o jornal à sombra dos pinheiros. Quando dava conta que estava atrasado, corria o resto do caminho, a dizer "andai perninhos do diabo". E o povo, como sempre, lá o baptizou com o dito.

Em 1952 o Chefe da Estação de Fão (Carlos Mariz) estudou a distribuição domiciliária em Apúlia, sendo criado o giro rural, com início em Janeiro de 1953. O giro ficou a cargo de Zacarias Dias Torres, natural de Apúlia. Pediu a exoneração, em princípios de 1955 e emigrou para o Canadá. Foi substituído por Fernando de Jesus Pereira, natural de Apúlia. Passou a Carteiro provincial de 3.ª classe (CP3) em 28-3-1959 e à 2.ª classe, em 1-4-73. Até se aposentar foi sempre Carteiro neste giro, que tinha a sede na Estação de Fão.

Manuel Passos Rodrigues, natural de Apúlia, inscreveu-se em Fão, a 12-12-1972, foi integrado em 23-11-1974; Carlos Rodrigues Moreira, executa o giro motorizado para Apúlia, trabalhou na Estação de Fão em 1965, 1968, 1972, 1973, mas estava colocado em Esposende. Apúlia passou a beneficiar de dois giros rurais, com distribuição em Pedrinhas/Cedovém e na zona da praia, parte de Igreja, enquanto o outro giro fazia a cobertura no restante da freguesia.

7 - CHEFES DA ESTAÇÃO DE APÚLIA - 2.ª fase

Em 2-8-1971 a Estação de Apúlia abriu sob a chefia interina de Op1 Maria da Conceição Marques, de Braga, sendo substituída, em 1-9-1971, pelo Op1 Jeremias Leite Monteiro.

para acabar com certas anedotas que se contam como aquela que lemos algures: *Ofir junto a Fão*. É como se fosse possível dizer: A telha está junto ao telhado.

Fãozenses: estamos como em tempos atrás: quem nos visita do lado de Esposende não sabe em que freguesia se encontra. Faz lembrar a canção da revista de Fão: a Pedra Alta está sempre actual.

Prezados autarcas, olhem pela nossa Vila, pelo menos nas pequenas coisas que limpinhas, decoradas e arranjadas, dão outro valor à terra.

A direcção da Cooperativa Cultural de Fão está a pensar em levar a efeito um baile de Carnaval na sua sede. Precisa para isso da colaboração dos cooperantes, directores e público em geral.

Temos que voltar aos tempos de outrora em que a nossa terra primava pela animação.

A.V.

FESTAS DO SENHOR BOM JESUS

No dia 18 de Janeiro reuniu a Comissão de Festas com a Mesa da Irmandade do Bom Jesus, tendo em vista a realização das festas de 2003 e 2004, comprometendo-se ainda a fazer as festas de Santa Cruz em Maio, com a safda da imagem do Senhor Bom Jesus pelas nossas ruas principais.

A Comissão pede a todos os fãozenses, amigos de Fão e empresas a ajuda possível a fim de poderem fazer face a todas as despesas que são enormes e para que não aconteça o que sucedeu nas festas de 2001 que teve o saldo negativo de 4.703,89. Colaborem.

A partir de 4-11-1971 chefiou a Estação, o Op2 Armando Sérgio Carvalho Pacheco a que se seguiu a Op2 Maria Fernanda Igreja de Oliveira; 1-4-1972 exerceu a função, o Op1 Mário Boaventura, voltando em 25-6-1972, a Op1 Maria Fernanda Igreja de Oliveira. A 1-9-1972 volta a chefiar Apúlia, a Op1 Maria da Conceição Marques.

AURORA DA COSTA BARBOSA - Operador de 1.ª classe, e a 1.ª chefe efectiva; veio transferida de Barcelos para Apúlia, por despacho de 19-9-1972. Em Outubro de 1981 voltou a Barcelos, a seu pedido. Durante a sua permanência em Apúlia, a Estação apurou bastante tráfego, atingiu o correspondente a uma unidade, em período balnear.

MARIA FERNANDA IGREJA DE OLIVEIRA - É natural de Barqueiros (Barcelos), foi a 2.ª chefe efectiva, como Operador de 2.ª classe, quando foi transferida para Apúlia, vinda da Estação de Barcelos. Já havia chefiado, interinamente, esta Estação e foi colocada em Outubro de 1981. Entrou para os Correios (CTT) em Operador de Reserva, sendo colocada no Centro de Reserva de Barcelos, por despacho de 15-1-1970. Mantém-se em funções de chefe da Estação de Apúlia. Completa o horário em Esposende. A situação veio a ser alterada, por justificação apresentada pela autarquia de Apúlia. Executa, actualmente, horário a tempo inteiro.

8 - FUNCIONÁRIOS QUE PASSARAM POR APÚLIA

Sobretudo em período de férias, prestaram serviço na Estação de Apúlia, também, por substituição das chefias: Operador de 1.ª classe, Mário Boaventura (1973); Técnico de Exploração, Augusto Soares (1973); Operador de 1.ª classe, Rita Gomes (1973); Operador de 1.ª classe, Eva Silva (1974); Operador de 1.ª classe Maria Rodrigues (1975).

NOTA INFORMATIVA

No dia 20/01/03 às 21,15 horas, realizou-se a Assembleia Extraordinária da Freguesia de Fão. Após a leitura da acta da sessão anterior, esta foi aprovada com 8 votos a favor e um voto contra da D. Dalila Novo, entregando à Mesa declaração do sentido de voto.

No Ponto Único da Ordem de Trabalhos (proposta da Junta de Freguesia, para a realização de protocolos com a Câmara Municipal de Esposende), esta foi aprovada por unanimidade. Nos termos da mesma, os futuros protocolos assinados com a C.M.E. serão objecto de apresentação e (discussão) na Assembleia imediatamente a seguir.

No período reservado ao público, concedido pelo Sr. Presidente da Assembleia, eu próprio questionei o sr. Presidente da Junta se a tal - carrinha de 19 lugares - constava no Plano de Actividades, e se sim, quando era adquirida. A resposta foi - que sim - e que em princípio estaria cá durante o ano 2003. Perante a incerteza da resposta perguntei se podia precisar, o sr. presidente da Junta de Freguesia de Fão respondeu que: "vinha quando viesse, estava cá quando estivesse". Elucidativo.

Por fim, fez-se uma minuta da Acta da Assembleia, que foi lida. Dando o sr. presidente da Mesa, a assembleia por encerrada.

Tito Gaifém

MAGDA REIS

SOLICITADORA

Rua Pedra Alta, n.º 2 - 4740 FÃO
Av. Mousinho de Albuquerque, 119 - Sala A
4490-409 PÓVOA DE VARZIM
Telef./Fax 252 684 257

PÁGINA JOVEM

Olá jovens! Já estamos em Fevereiro, o que é prenúncio de Carnaval e, esperemos, de melhor tempo! Entretanto, vamos trabalhar para essa avalanche de testes, na escola, que é costume haver por esta altura!

**VIDA DE NUNO
ÁLVARES PEREIRA**

JAIME
CORTESÃO
(in
"Contos para Crianças")

(Continuação)

Eram as lanças nesse tempo as melhores e mais nobres armas de combate. Duzentas lanças eram duzentos homens, vestidos de armas, montados em cavalos e combatendo com a lança e a espada.

A cada lança correspondiam mais três ou quatro homens: o pajem da lança, que a levava antes do combate, o que segurava o cavalo e amparava o cavaleiro se caía na luta, e um ou dois besteiros que atiravam com as bestas, os virotões e as setas.

Nuno Álvares levava pois, consigo, oitocentos ou mil homens.

Era um rapaz: não completara ainda vinte e quatro anos. Mas bem é de louvar o moço capitão, pelo engenho e prudência com que se houve em sua nova guerra. Não foi o seu maior cuidado levar consigo muita gente. Antes falou a Pêro Anes Lobato, que bem conhecia os homens de armas que em Lisboa estavam, que lhe escolhesse poucos mas honrados e valentes e de preferência do Alentejo, pois o iam defender. Mandou fazer uma bandeira, branca e partida por uma grande cruz vermelha, tendo nos quartos de cima a imagem de Cristo e da Virgem e, nos de baixo, S. Jorge e S. Tiago, padroeiros da guerra.

(Continua)

**Pausa para
sorrir**



Dois malucos passeiam num corredor do hospital onde estão internados. Um deles, querendo fazer-se de engraçado, pergunta ao outro:

– “Sabes de que cor era o cavalo branco de Napoleão?”

O outro, sem atentar bem na pergunta, pensou um bocado e depois disse:

– “Não sei. Já estudei História há muitos anos; não me lembro”.

O primeiro desatou a rir e, como ia a passar um senhor com ar importante, que ia visitar uma pessoa de família lá internada, abordou-o e disse:

– “O senhor desculpe, mas quer saber uma coisa engraçada? Este meu amigo não sabe de que cor era o cavalo branco de Napoleão!”

O senhor pensou um bocado e depois respondeu, irritado:

– “E que tem isso de engraçado? Eu também não sei, e mais, não sou maluco como vocês!”...

Conta-se que o Poeta Guerra Junqueiro, indo uma vez na rua com um amigo, cumpria, como era hábito nessa época, o costume de tirar o chapéu, em saudação, ao passar pelas igrejas.

A certa altura, porém, tirou o chapéu numa rua em que não havia nenhuma igreja. Admirado o amigo perguntou-lhe:

– “Aqui não há nenhuma igreja; por que tiraste o chapéu?”

Guerra Junqueiro, então, apontou-lhe um homem muito alto, que seguia no passeio em frente, e respondeu:

– “É que eu tiro sempre o chapéu ao “Altíssimo”!...”

Menina

Menina de cor-de-rosa,
Tens um jeito de encantar
Com essa face mimosa
E verdes olhos de mar.

Se os ruivos cabelos soltar
Por sobre os ombros franzinos,
Parecem ondas revoltas
Da cor do cobre dos sinos.

Menina calada e triste,
De porte fino e gentil,
Uma só vez que sorriste
Foste luz, manhã de Abril!

ANA FILIPA

Os Lírios de Fão

A menina cresceu no meios dos Lírios
(lugar dos seus antepassados);
Ah, como era lindo na Primavera!,
Quando a poupa começava a cantar,
E a cotovia, e a pega a cacarejar...
A menina até se esquecia
Que havia silvados e se podia arranhar...
– Porque era isso que acontecia
Quando a menina corria...

Parece que a estou a ver,
Quando ela puxava a sainha p'ra baixo,
Para de cigana fazer,
E começava a cantar e a dançar...
– E as amiguinhas a ver...
– E quem passava, parava...
E ela, de braços no ar,
O corpo a gingar,
Não dava por nada!...

Mas a menina deixou-se adormecer...
E outras Primaveras passaram a correr...
E, quando de saudade acordou
Os Lírios estavam mudados:
Tinham sido desfolhados...
Ah, como tudo mudou!...
E a menina, de saudade se sentiu morrer!...

MARIA HENRIQUE DO VALE
in “A Luz e a Voz”

Esta página tem o patrocínio de:

FOR BODY
SPORTSWEAR



AI DA PONTE DE FÃO

Dá-me vontade de dizer ais só comigo quando constato o que fizeram contigo, ponte. Dá dó verte assim castigada. Tanto se fala de ti em Fão.

Fui procurar-te em passeio solitário na noite avançada de um lado ao outro para ouvir-te. Quase a chegar de volta a Fão falaste-me do outro lado. Não quero que acreditem, mas não vou contar o que ouvi, só o que vi.

Em cima de ti parei e ao ver o rio a correr aos teus pegões como a minar-te devagarinho vi-te a fazer, não ginástica, mas hidroginástica para não saberes a altivez que sempre mostraste e orgulha o povo da nossa terra.

Em cima de ti a tremer no passar dos carros recordava-me como eu tremia contigo quando levavas-me a pé para trabalhar do outro lado.

Tinha então doze anos e naquele tempo os casacos de couro ou de nylon – impermeáveis – se existiam, eram-me inacessíveis. Com minha camurcina de lã o frio entrava com o vento por mim e eu sofria contigo os meus ais calados de manhã cedo ou à tarde com a estrada sem luz.

Desde que cheguei ainda não vi ninguém que levasses de camioneta ou a pé. Dizem que o Zé Augusto e o António Gaio costumam ir a pé aos domingos assistir missa em Gandra. Ainda não vi mas quero, para ter certeza que pelo menos para eles continuas a ser ponte de pés e de vento como foste para mim.

Sou poeta e não quero ser mais nada porque a Poesia permite-me dizer o que sinto, exorcizar minhas dores, sem ferir a ninguém. Ao mesmo tempo que dou dimensão à minha alma, julgo sem petulância que aguço e desperto a sensibilidade de quem lê.

Quem sabe se o caminhei para a Ponte de Fão voltar a ser ponte de automóveis de camionetas de gente não será o de despertar a sensibilidade de cada um – a parte poética que cada ser humano guarda dentro de si e só uns poucos ousam externar – e resolvem deixar de lado outros propósitos para que nossas travessias no Cávado aconteçam naturalmente?

Cheguei a Fão e concretizei tantos sonhos ... como lançar “Derivações” meu livros nas Rodas, ouvir o vento a falar na rua onde nasci, pisar as pedras que me esperaram, sentar nas Escadas do Cais só para ver o rio a correr com as luzes da ponte no fundo, falar às Alminhas para agradecer o encontro com meu amor.

Embora pareça pouco, fiz do impossível e até me emociono a escrever isto sentido e exultante por ser quem sou de Fão como nunca deixei de ser e sonhar...

Sonhar que em breve vou para a paragem em frente ao hospital: embarcar na camioneta para ir a Viana com meu amor pela nossa ponte.

Ai da Ponte, ainda digo. Desculpa-me o que fizeram contigo. Eu também sou culpado, deixei-te emigrante esquecida, mas agora não descanso enquanto não sentir-te a sorrir reformada, reconstruída, para continuares a ser a ponte da minha vida e das travessias da minha liberdade.

Torno a repetir que não pretendo mais ir embora, pois, quando fui, não vi nada que me dissesse tanto como o que senti ao voltar.

Só não esperava ver a Ponte de Fão como está a impedir-nos de ir de camioneta para onde quisermos, naquele ir e vir tão simples e natural que dá um encanto maior à Vida.

Manuel Maria Martins Monteiro

POMBAS, PINÓQUIO E “BANHO DE ARTE” EM ITÁLIA

Por DIAS COSTA

Já ia preparado para levar um “banho de Arte” na visita a dez cidades italianas, como são Bolonha, Pisa, Roma, Vaticano, Assis, Florença (que espectáculo!), São Gimignano, Siena, Veneza, Mestre, Pádua e Verona. Mas tudo o que consegui ver, ultrapassou as expectativas, na voltinha que teve a intervenção de José Fernandes (ACP - Viagens) e João Félix (Nortravel), do bem humorado motorista Piero e os simpáticos guias locais, falando



português, Eurico, Eugénia e Andreia. Logo na revista de bordo da “Portugália”, a bem elaborada reportagem sobre Bolonha, vista depois no último dia de manhã. Não encontrei o calvo e popular árbitro Pierluigi Colina, nascido e residente em Bolonha, mas encontrei a universidade mais antiga do mundo, as duas bonitas torres, que não são gémeas, têm alturas diferentes, com 97 e 60 metros, e se chamam Asinelli e Garisenda, fazendo parte do segundo centro histórico mais conservado de Itália, incluindo a Basílica de S. Petrólio, 35 quilómetros de artísticos e bem trabalhados pórticos e o teatro anatómico todo em madeira, onde se procedeu à primeira autópsia em todo o mundo! Ainda a rua Emilia, do tempo dos romanos, que cruza a cidade, toda a zona protegida do trânsito, que lá não entra, a famosa gastronomia “à bolonhesa” e o nome da cidade derivado dos celtas, um “Bom onia”, que significa “construção”. Neste apontamento, apenas referências a algumas curiosidades, pois aqui não cabem todas as coisas belas que vi. Para o “banho de Arte” só posso aconselar: “vão lá ver”. E talvez tenham alguns contactos com os milhares de “Pinóquios” que comecei por ver à venda em Pisa, bem pertinho da inclinada torre, que faz parte de uma zona monumental, com o “Campo dos Milagres”, o rio Arno ali bem perto, toda a gente a tirar fotos dando a impressão de “segurar” a torre com as mãos, o cemitério hebraico e

os autocarros a ficarem fora da zona, não poluindo, o Baptistério e a Catedral. E talvez também contactem com as pombas, como me aconteceu ao almoçar no “Orológico”, em Florença, dando migalhas do meu almoço à pombinha que se fizera convidada para a mesa ao lado! Depois vi as suas companheiras em Siena, sobre a cabeça da estátua da loba, de Rómulo e Remo, uma turista a dar-lhes de comer na grande praça junto à Catedral de Pádua, as da “Fontana de Trevi” em Roma, aproveitando para beber e vendo os turistas a deitarem pedras para a água, por cima do ombro. Já em Veneza, tal como na Sé do Porto, as agulhas anti-pombas, visando que a sua “chuva biológica” não estrague a pedra dos monumentos.

IGREJAS DOS PORTUGUESES

Mas deixemos as pombas em paz, na sua paz, e falemos das coisas portuguesas que vi. Foi assim em Roma, na Praça Navona, a igreja na Rua dos Portugueses, dita de Santo António. E a outra, junto à “Fontana” com imagem e oração a Nossa Senhora de Fátima, na Igreja de S. Vicenzo e S. Anastázio. Já na ainda famosa Via Veneto, os bonitos cafés, restaurantes envidraçados e hotéis de luxo, mas agora quase sem as vedetas de outrora, “substituídas” pelas suas fotos em vitrinas. Mas é ainda muito linda, a Via Veneto.

(CONTINUA NO PRÓXIMO NÚMERO)

ESCOLA PROFISSIONAL DE ESPOSENDE

Entrega de Brinquedos ao Centro de Acolhimento Infantil da ASCRA

No passado dia 22 de Janeiro, a EPE visitou a Associação Social Cultural e recreativa de Apúlia (ASCRA), com a finalidade de fazer a entrega dos brinquedos recolhidos na campanha solidária promovida no Natal. Esta iniciativa redundou num enorme êxito, já que toda a comunidade educativa participou activamente, oferecendo todo o tipo de jogos, livros, roupas e brinquedos às crianças carenciadas, que frequentarão o novo Centro de Acolhimento Infantil daquela instituição.



Aquando da entrega, os responsáveis da ASCRA louvaram esta iniciativa e agradeceram, referindo que o contributo da escola foi importante. O Centro já está aberto oficialmente; aguarda, no entanto, a chegada das primeiras crianças a qualquer momento. O Presidente da Associação afirmou, ainda, que a sociedade local está pouco sensibilizada para este tipo de causas, apenas as Associações concelhias fazem este trabalho. Enalteceu, pois, o gesto da EPE, convidando os seus alunos a visitar o centro e promover actividades com estas crianças que precisam de todo o nosso apoio.

No final, a Professora Sara Cepa, uma das promotoras desta campanha, referiu que “numa época de tanto egoísmo, esta iniciativa acaba por ser necessária, porque promove o espírito de partilha e solidariedade entre os mais novos, alargando-o à comunidade local”. O Presidente da Direcção da EPE, Dr. António Conde, assegurou que a parceria irá continuar, referindo a importância de se estreitar a colaboração entre instituições em campanhas deste género para benefício dos mais necessitados.

Falecimentos

Com a idade de 64 anos, faleceu em Fão Deolinda Gomes do Vale, esposa do antigo atleta do C. F. de Fão António Martins do Monte.

Faleceu igualmente na sua casa de Fão, na mítica “Quinta de Chaves” a nossa conterrânea e boa amiga – era da nossa rua – Alice Gonçalves do Monte, tinha 88 anos.

No momento em estávamos a telefonar para a Funerária Fãoense a saber os nomes dos que morreram, diz-nos a sua proprietária: acaba de falecer o Orlando Gomes Portela (Landinho Panca). Era uma figura de certo modo típica da terra.

"FÃO A REALIDADE"

• Fão, terra antiga, povoada há séculos, onde a passagem de civilizações foi enriquecendo o património local, digno de destaque no seu rico historial. Recordemos por exemplo o tempo dos estaleiros navais em Fão – construindo barcos – com a competência de valiosos fãoenses; que depois navegavam por esse mundo fora. Devemos estar orgulhosos desses homens que perpetuaram o nome desta terra nos registos mais importantes da construção naval deste país. Infelizmente a situação actual é bem mais negativa. Este atraso endémico do qual não nos conseguimos libertar, a sensação de um ano 2002 de verdadeira paralisia, é a realidade pura e dura, que também vai ficar na história; assim como os seus responsáveis, que fazem com que o futuro de Fão esteja hipotecado, instalando-se a indignação, a tristeza em muitos fãoenses.

O tempo dos estaleiros navais de Fão, é época sem retorno, também muito dificilmente recuperemos dos erros urbanísticos (PDM) não voltando a ter tantas oportunidades financeiras. (milhões e milhões de euros enviados por Bruxelas para Portugal, ao longo das últimas duas décadas, e que Fão pouco ou nada beneficiou). Exemplo: ligação de Fão à ICI, Escolam Básica 1 2 e 3, cobertura total da rede de saneamento da freguesia, ponte de Fão, obras inacabadas, Centro de Saúde (dizem que vai arrancar este ano)... esperamos que sim (mais vale tarde do que nunca). De quem será a culpa???

• Centro Histórico de Fão, que nos lembra tempos de glória, de homens empreendedores, é hoje um local mal conservado: prédios degradados, praças e ruas abandonadas, candeiros – podres – e a cair, um caos urbanístico, sem um plano de desenvolvimento que incentive os seus proprietários à recuperação, mantendo as características das habitações. Se a zona antiga é a marca positiva dos nossos antepassados (hoje abandonada) o orgulho dos fãoenses; já a zona nova é a marca da desorganização, a marca do interesse dos construtores – que gestores de empresas que são, só pretendem o lucro. Uma estratégia autárquica de futuro e progresso, que envolve-se: os agentes culturais, o tecido

empresarial, o comércio, o sistema de ensino e toda a população, travaria esta política "autista" de sacrificar o ambiente a favor do betão.

• O pinhal de Fão também é um legado dos nossos antepassados (só podia), mas os responsáveis do momento, entendem, que o melhor para o conservar, é edificar vivendas no seu seio. Dizem alguns que quem não concorda deve interceder contra – protestando; mas quem é que tem de defender o interesse público em primeiro lugar? Não é o poder autárquico?! O caminho que está a ser – fechado – quem deve indagar se é público ou não (...) porque não o faz?!

• Pedreiras, por consequência de uma via com sentido único, que cada vez mais nos afasta do centro da vila, indicando o caminho a seguir, está descaracterizada. A construção de um Bairro Social, onde não foram tidos em conta os verdadeiros interesses das pessoas: a sua integração, as acessibilidades, bem como a qualidade do empreendimento.

Pedreiras, com focos de poluição, onde a origem do cheiro seria rapidamente detectada por um autarca com preocupações ambientais. A falta de saneamento, com inerentes problemas de saturação das fossas sépticas, contribuem para que este lugar seja, o parente pobre, de uma terra já empobrecida.

São estes alguns dos problemas – graves – com os quais Fão está confrontado e que, por certo, têm acolhimento na incapacidade dos nossos autarcas, que, não conseguem colocar Fão no "topo" do desenvolvimento do concelho de Esposende. Aliás, posição que tem vindo a perder, por inércia, por inércia, de quem utiliza o "poder" (que lhe é dado nas eleições) para se "servir" e não para o colocar ao serviço do desenvolvimento sustentado da Vila de Fão.

Seguramente que daqui a 50 anos os nossos netos, bisnetos, não se orgulharão da obra que lhe deixamos, restar-lhes-á a memória, de na época 1999/2000 o Clube de Futebol de Fão ter subido à III Divisão Nacional.

Isto é Fão e a realidade, que eu considero muito cinzenta. Mas como diz o único Boletim Informativo de Junho 2000 "Fão a realidade" – "o futuro é um compromisso de todos os fangueiros". Assumamos pois essa responsabilidade, participando mais na vida social e autárquica (Assembleias de Freguesia) da nossa vila, façamos todos uma discussão sadia do interesse autêntico do nosso Fão (mesmo que para tal nunca sejamos convidados) exigindo, reivindicando, Porque de quatro em quatro anos temos o "homem duplicado ou triplicado, o ilusionista" (é do Presidente da Junta que falo, com cargos em várias instituições locais) a mistificar a realidade prometendo (...) imagine-se, obras e projectos que já foram promessa!!! – há quatro e oito anos atrás.

E-Mail: titovg@netc.pt TITO GAIFÉM

A MENINA DE SUA MÃE

Ainda me lembro desse dia:
O telefone tocara e eu atendera...
E uma voz emocionada me dizia
Que uma menina nascera...

Fiquei emocionada também,
Porque era a menina que eu não tinha...
Mas dela fui ser Madrinha,
Ficando na linha da Mãe...

Era tão linda a menina!
De olhos azuis, tão branquinha!
Era o sonho de qualquer mãe!...
À Virgem pedi por ela:
Que a abençoasse na terra,
Que a fadasse para o Bem!...

E o nome foi escolhido,
Em tempo que já lá vai:
Sílvia, pelo Padrinho;
Paula, pelo Pai.

E o tempo foi correndo...
E a Sílvia Paula crescendo,
E os seus sonhos também...
Fez-se mulher a menina,
Deixando de ser traquina,
A menina de sua mãe...

Tão novinha, mas ladina,
Logo começou a voar...
Enveredou por Medicina,
Voou bem alto a menina:
A Coimbra foi parar...

Seus olhos cansou de mais!
Mesmo assim, nunca parou!
Pensava muito nos Pais,
E os seus olhos castigou!...

Mas o Curso terminou...

A Vida a despertou
Para outras coisas, também...
O amor dela encontrou,
A quatro de Março casou
A menina de sua mãe...

Maria Duval

MIRADOURO DA ALMA

FLORINDA BOTELHO DE ALMEIDA

CARNAVAL SEM SERPENTINAS

O Carnaval, Rei do Riso,
Uma só vez é por ano.
P'ra nítos era preciso
No tempo quotidiano.

Vai ao Carnaval brincar,
Quer pôr máscara também;
Diz-lhe a nora a disfarçar:
– "De sogra... você já tem"!

Se tu fores ao Carnaval
Não te cubras, vai sem pano.
Pois que mal tem, se afinal,
Vestês de tule todo o ano?

Gosto daquele palhaço
Que faz rir toda a criança...
Que vive em grande embarço
Para manter sua chance.

O palhaço muito invejo,
Quando faz os outros rir.
Por trás da máscara vejo
O revés do seu sentir!

Ele entra no palco e sai,
Observo-o passo a passo.
Mas se a máscara lhe cai...
Melhor conheço o palhaço.

Quer de príncipe ou princesa,
No Carnaval, na criança,
Sobressai-lhe a realeza
Não lhe roubem a herança!

Tu és jovem e bonita,
Não te deixes mascarar
De qualquer face esquisita...
A tua tens de afirmar!



REIMELI

EQUIPAMOS HOJE AS GARAGENS DE AMANHÃ

ALTA TECNOLOGIA • ASSISTÊNCIA TÉCNICA
APROVEITE O CRÉDITO REIMELI/LEASINVEST



ELEVADORES 2 COLUNAS



TESTE DE TRAVÕES



LAVAGEM AUTOMÁTICA



ELEVADORES 4 COLUNAS



LAVAGEM ALTA PRESSÃO

Visite as nossas Exposições:

REIMELI

PORTO – RUA 5 DE OUTUBRO, 212 – TEL. 226 091 018 – 226 063 748 – FAX 226 673 85

EM TORNO DAS DERIVAÇÕES DE MANUEL MARIA MONTEIRO

Por: Manuel Albino Penteado Neiva

NO DIA DA APRESENTAÇÃO DE DERIVAÇÕES DE M.M.M.M.

Ao longo dos anos tivemos a oportunidade de conhecer muitos e ilustres fangueiros, residentes aqui ou fazendo parte da sua diáspora, e em todos eles conseguimos obter o mesmo denominador comum ou seja, o apego à sua terra – FÃO. Até quem não é íncola de Fão, facilmente adopta esta Vila como sua e dela passa a ser seu Embaixador.

Se muitas vezes nos orgulhamos do nosso apelido de família, e é com ele que fazemos jus à nossa ascendência, nota-se que, não raras vezes, os Fangueiros adoptam com o orgulho que lhes é peculiar, o nome da sua terra que é Fão como patronímico.

É uma atitude ancestral, tal como é ancestral a antiguidade fangueira. Quem não recorda os Poetas medievais que se preocupavam em juntar ao seu nome da sua terra como aconteceu com Fernão do Lago, João Garcia de Guilhade, Fernan de Calheiros, Afonso de Besteiros, etc., etc. Os fangueiros são assim. Não é bairrismo ou outro "ismo" qualquer. É simplesmente, porque amam Fão. Prezam e orgulham-se de serem de Fão. Não é por isso de estranhar que nos tenhamos deliciado com as crónicas notáveis do Quim de Fão, com a poesia laudatória em louvor de Fão do Xico da Vila, com as poéticas alegorias fangueiras de Querubim Evangelista, com os poemas premonitórios sobre as dunas de Fão do Poeta Eugénio de Andrade e agora com as divagações poéticas sobre a terra que lhe consegue arrancar tantas palavras e pensamentos – a sua Fão. Estamos a falar do nosso ilustre Manuel Maria Monteiro, do enigmático MMMM, do fangueiro dos sete costados Manuel de Fão.

Não nos vamos deter sobre a sua Biografia pois outros, bem melhor do que nós, poderão atestar a sua condição de fangueiro que, tal como confessou, é emigrante no Brasil "... por razões alheias aos seus sentimentos e vontade". Era menino er moço quando deixou Fão a caminho de terras de Santa Cruz. Não partiu sem antes percorrer com o olhar os recantos da sua casa, das ruas de Fão e como confessou, com um forte propósito de voltar e com uma promessa, que ora cumpre – "o sonho de escrever um livro poético", registando tudo aquilo que lhe vai na alma e na memória.

Os anos passaram, novas vivências aconteceram, mas jamais a memória fangueira se deixou diluir pelo mito dos trópicos. Fão esteve e está sempre presente no pensamento do Manuel de Fão – permita-me que o passe a tratar assim.

O Cávado, fonte de inspiração de tantos e tantos Poetas, não poderia deixar de o influenciar. As suas águas ora canseiras ora de vagas mais encapeladas, fizeram-no sonhar com outras paragens, novos mundos. De olhos fechados, recuando no tempo, ia sendo o deslizar na água de um barco – um barco à DERIVA, sem barqueiro, sem rumo, qual Nau Catrineta. É o prenúncio de um Amor impossível, de uma paixão interrompida ainda moçoilo.

"De Fão bonita como poucas era Corina

Nem sei se lá está ainda ou se já foi.

Mas de qualquer maneira desculpa-me

Corina onde estiveres

Que continuo a gostar muito de ti, tu bem o sabes

Em qualquer dimensão."

Que bonito epitáfio dedicado a quem já partiu e a quem teve também o prazer de conhecer.

O Poema CORINA configura um verdadeiro testamento passionai, intemporal e cheio de saudade.

"Corina meu amor como te via

Bonita, esbelta, risonha

A ir à Missa de véu muito simplesmente

A povoar e a formar os sonhos deste menino..."

Neste texto poético, o Autor deixou-se comandar pelas paixões platónicas da sensibilidade rara, que ao tornarem-se impossíveis conduziu a um estado de revolta, levando o Autor a questionar se a felicidade está naquilo que somos ou então naquilo que deixamos:

"Numa aldeia, num rio ou numa rua

Na simplicidade das coisas da natureza

Ou na recordação de uma mulher como a Corina..."

Ao ler as Derivações de Manuel de Fão, somos inundados por diversas sensações.

A Fão das ruas, ruelas e vielas que nos conduzem ao Cávado e fazem dela terra de Nautas, Comerciantes e Pescadores. Tudo é grande, tudo é pequeno, consoante o nosso horizonte de vida. Para o Menino Manelzinho – o nosso Manuel de Fão, até orgulho sentia porque "... a CAMIONETA do Linhares passava na minha rua". Ele olhava-a e a rua parecia-lhe imensa – uma Avenida. Hoje "... não passa mais a camioneta na minha rua". Já não acena mais aos passageiros dela "que agora passa na estrada veloz; e os meninos nem podem brincar a dizer adeus".

O Autor traz-nos à memória lugares bucólicos como o MARACHÃO e os seus nenúfares:

"Onde os peixes descansavam dos seus nados

E as árvores tinham o feitio dos cantares

Dos pássaros que as habitavam"

Das RODA onde jogava à bola com os seus amigos:

"Onde as vacas pastavam ervas e deixavam bosta

Para vedar a porta do forno da Cozinha Velha"

Onde o Tio Gaia fazia cordas de sisal.

As sensações sonoras são-nos trazidas pelo Poema do MEIO-DIA.

Fão não necessitava do relógio do campanário. Bem ao pé, a hora do meio-dia era marcada pelo sibilante apito das fábricas do Felgueiras e do Albino Torres:

"Apitavam à mesma hora

Era Meio-Dia"

E mais uma vez Manuel de Fão se deixa embalar pelas águas do Cávado que correm, em desespero, para o mar. Quantas vezes o Autor se terá sentado nas finas areias de Ofir, olhando os míticos CAVALOS DE FÃO.

Por onde correria a imaginação de um menino melancólico?

Olhava ao redor e parecia-lhe ouvir:

Trazido pelo rio lá de cima

Dos montes agrestes onde nasce

Chega ao Estaleiro um cavalo raro de preto"

O Manuel, atónito, segue-o cojm o pensamento pelas Rodas, do Campinho até à Bonança, pelo imenso mar adentro. O folgoroso equídeo, indo de encontro aos rochedos, desfez-se aos pedaços e:

"Adquiriu a forma, não de um

Mas de vários cavalos

Que o mar cobre quando está revoltoso

Que o mar mostra quando está sereno

Nas noites de Praia-Mar."

É a sensibilidade de um Poeta que vem ao de cima. É o recapitular de uma vida passada longe das origens.

Manuel de Fão acorda do sonho que lhe mostrou a lenda dos Cavalos de Fão. Acorda no momento em que:

"A onda alisava a areia

Num desenrolar suave"

E lhe molhou os PÉS. Olha ao redor e depara com as Dunas de Fão. Tal como o Poeta Eugénio de Andrade, Manuel de Fão amou as Dunas de Ofir e nelas imaginou a sua amada a passar descalça:

"...a espreitar dos fieiros

Nas dunas de Ofir

Envolvida na transparência

De uma túnica sem cor

Que o vento colava em ti

Confundindo-vos."

DISOL



**FERRAMENTAS
ELÉCTRICAS**

COMPRESSORES



GERADORES



ANTUNES & IRMÃO

Rua de Ourais, 90 - Apartado 1077 . 4471-909 Maia . Telefone 229 607 075 . Fax 229 607 076

(Continua na pág. 10)

PÁGINA AGRÍCOLA



SILAGENS EM FARDOS REDONDOS PLASTIFICADOS

Quando são deixados na periferia do campo, devem ser protegidos:

- Contra os pássaros - rede a 50cm de altura;
- Contra os roedores - limpeza de infestantes;
- Contra os animais da exploração - cercas.

Se tiverem menos de 30% de matéria seca os fardos não devem ser empilhados.

Duração do armazenamento

O tempo de armazenamento depende da qualidade do plástico, número de camadas e densidade dos fardos.

Higiene dos fardos

Devido à pré-fenação recomendada, as silagens em fardos redondos estabilizam a valores altos de pH (5,0) e apresentam maior conteúdo de oxigénio, devido à menor compactação em relação às silagens convencionais. Por estas razões são mais susceptíveis ao aparecimento de listéria (*Listeria*

monocytogenes). Apresentação de clostrídios (*Clostridium botulinum*) é devida à contaminação por terra e deterioração da matéria orgânica.

Nestas situações perdem qualidade e, no caso da presença de listéria, quando ingeridas pelos animais, podem transmitir esta grave doença ao homem. Cuidados na plastificação e a remoção do material infectado, após a abertura dos fardos, minimizam o problema.

FIM

ERVILHACAS

Época e densidade de sementeira

A sementeira deve ocorrer durante o mês de Outubro, sem ser temporã. As sementeiras precoces em solos férteis podem desequilibrar a consociação de corte único, por favorecer o desenvolvimento das gramíneas.

quantidades: ervilhaca-comum: 40-65 kg/ha; vilosa: 30-50 kg/ha; vermelha: 25 a 40 kg/ha; cereal tutor: 70-80 kg/ha. Para feno, a densidade de leguminosas deve ser mais elevada, sendo o inverso na exploração destinada a ensilar. Após uma mobilização superficial do solo, a semente deve ser colocada a 3-6 cm de profundidade. A passagem do rolo é aconselhável.

• Leguminosas anuais trepadoras, de que existem várias espécies. Destaca-se a ervilhaca-vulgar (*Vicia sativa*) V. vilosa (*V. villosa*) e a vermelha (*V. benghalensis*).

• Por serem plantas prostradas, geralmente são consociadas com um cereal que lhes serve de tudo (aveia, centeio, triticale), o que equilibra o valor climático da cultura.

• caule: oco, ramificado e trepador, de porte relativamente alto (60 a 150cm). Raiz aprumada.

• Folhas: pinuladas com 3 a 10 pares de folíolos. A ervilhaca comum tem folíolos mais largos e arredondados, enquanto que na ervilhaca-vilosa são mais estreitos e pubescentes. A ervilhaca

Por A. RAMOS ASSUNÇÃO

vermelha apresenta folíolos de forma intermédia.

• Flores da ervilhaca-vulgar: solitárias ou geminosas, e cor azul, violácea, arroxeadas ou, raramente, branca. Ervilhaca-vilosa e vermelha: flores dispostas em cacho vermelho escuro.

• Solo: a ervilhaca-vulgar é mais exigente, preferindo a argilo-calcários a franco. As outras duas espécies adaptam-se a solos mais ácidos e arenosos. A ervilhaca-vilosa é mais resistente à falta de água no início da primavera.

Fertilização

Como cultura intercalar, beneficia das adubações da cultura de Verão em fósforo e potássio. Porém, devido ao que foi retirado do solo por essa cultura, recomenda-se a correção com calcário (se o pH for inferior a 6.0) e a adubação de fósforo e potássio (80-100 kg/ha).

Uma pequena aplicação de 20-30 kg/ha de azoto à sementeira favorece o estabelecimento da cultura/consociação.

Exploração da cultura

O corte deve realizar-se no início da floração da ervilhaca e na fase do grão leitoso/pastoso das gramíneas, o que ocorre entre Abril e maio.

Geralmente a ervilhaca-vulgar é mais precoce do que a ervilhaca-vilosa.

As produções esperadas variam conforme o tipo de consociação, com médias entre 4 e 8 toneladas de matéria seca (MS) por hectare. Em estreme podem-se produzir 10 a 12 t/MS/ha.

Valor nutritivo

O quadro seguinte mostra a variação da composição química das ervilhacas em diferentes momentos do corte. No entanto, há outros factores que influenciam o valor nutritivo das farras:

- Tipo de consociação;
- Proporção de cada espécie na mistura;
- Nível de fertilidade e adubação do solo.

(Continua no próximo número)

DESPORTO Por JOÃO PEDRAS

FUTEBOL

Campeonato da 1.ª Divisão de Honra da A.F. Braga

Últimos resultados:

Fão, 1 - Ninense, 1; Cristelo, 2 - Fão, 0; Fão, 0 - Maximinense, 1.

O início da segunda volta desta competição não foi nada favorável à equipa fangueira, pois, para além dos maus resultados, as exhibições não foram de modo a convencer os adeptos. Melhores dias virão, acreditamos que sim, mas que têm sido confrangedoras as prestações do conjunto fangueiro lá isso ninguém pode negar.

Do meio da 1.ª volta até ao fim da mesma o Clube de Futebol de Fão encetou uma recuperação pontual em relação aos primeiros classificados o que o levou até a ocupar o primeiro lugar da tabela classificativa, motivando os associados e simpatizantes que em grande número de autocarro acompanham a equipa nas suas deslocações.

Com este mau começo da segunda volta a turma fangueira desanimou um pouco os seus adeptos e comprometeu as suas aspirações quanto à subida de divisão, se é verdade que os fangueiros o desejam. Com cinco pontos de atraso em relação ao leader e com a pressão dos que se aproximam, não vai ser tarefa fácil esta fase derradeira da prova para a equipa fangueira.

Classificação: 1.º Santa Maria, 40 pontos; 2.º Fão, 35; 3.º Fradelos, 35; 4.º Maximinense, 31; 5.º Picos Regalados, 27; 6.º Merelinense, 27; 7.º Sp. Ucha, 25; 8.º Forjães, 21; 9.º Ninense, 20; 10.º Alegrienses, 19; 11.º Gandra F. C., 19; 12.º Prado, 17; 13.º Cristelo, 16; 14.º Celeiros, 15; 15.º Martim, 15; 16.º Alvelos, 12.

A Associação Recreativa Cultural e Desportiva Águias de Serpa Pinto foi uma das colectividades do concelho de Esposende a ser distinguida pela Câmara Municipal pela sua actividade no ano transacto.

A foto aqui exposta diz respeito à actividade futebolística dos mais pequenos que por sinal nos tempos que correm é a única associação que na nossa terra tem a seu cargo essa responsabilidade. Assim como no Futebol Feminino que apesar de não terem conseguido



resultados muitos motivadores no Campeonato Distrital de Braga, têm na participação o carácter mais positivo.

Recentemente iniciaram mais uma modalidade, neste caso o Andebol. Os jovens que estejam interessados nesta actividade desportiva devem dirigir-se a esta Associação para assim tomarem conhecimento do horário dos treinos.

Se juntarmos a isto a sua actividade recreativa e Cultural bem conhecida do povo fangueiro que mais se pode dizer desta colectividade das Pedreiras.

ASSEMBLEIA MUNICIPAL APROVOU PLANO E ORÇAMENTO São 21,4 milhões de euros no total

Na reunião de 16 de Dezembro passado, sob a presidência de Alberto Figueiredo, a Assembleia aprovou por maioria o Plano e Orçamento de 2003 e, bem assim, dos Serviços Municipalizados de Águas e Saneamento, além de outras propostas constantes na ordem de trabalhos.

No decorrer da discussão do Plano e Orçamento, a oposição não foi capaz de convencer a Assembleia que, por isso, esteve à vontade para deliberar. Neste caso, os dois documentos foram aprovados por maioria, com cinco votos contra e duas abstenções.

De salientar que o valor total do Orçamento e financiamento dos planos propostos atinge os 21,4 milhões de euros, tendo em consideração as participações de fundos comunitários e o recurso a empréstimos dentro das restrições determinadas pelo governo. De igual modo, as verbas por cada uma das rubricas padeceram de cortes e ajustamentos, a fim de se evitarem valores elevados e, como tal, divergências orçamentais.

Em relação aos itens indicados na ordem de trabalhos, a proposta de coeficiente de aplicação na contribuição autárquica, mantém-se 1,3, sem alteração relativamente a anos anteriores. Outra das propostas, o Regulamento de resíduos sólidos e higiene urbana, tarifa para a recolha foi aprovada por maioria, com seis votos contra e duas abstenções.

Por último, o ponto da ordem de trabalhos, Comissão de Protecção de Menores em representação da Assembleia Municipal, através de consenso e acordo com os Partidos representados, foram designados: Dr. Manuel Lima Almeida e Dr. Tiago Faria de Moraes, pelo PSD; Dr. José Luís Azevedo, pelo PS; em representação de outros, Dr.ª Emília Vilarinho Zão.

Não houve intervenção de público. Todavia, será de alertar a falta de exemplares do Regulamento de Águas e Saneamento, além das tabelas e tarifas aplicáveis que facilite a consulta pelos munícipes e consumidores, a fim de se evitarem surpresas quanto a notificações sobre serviços considerados obrigatórios, submetendo-se cada qual a informações discutíveis. O CIAB, por isso, poderá vir a ter muito trabalho.

HOQUEI EM PATINS

Campeonato Nacional da Segunda Divisão

Cada um faz as omeletas com os ovos que tem e como tal, o Hóquei Clube de Fão não tem condições financeiras para ombrear com outros clubes nesta competição. Só assim se compreende que esta equipa tenha feito um campeonato nacional da Terceira Divisão excelente, o que lhe deu o direito à subida de divisão, e esta época seja confrangedora a sua participação quanto a resultados pontuais (claro) no Campeonato Nacional da Segunda Divisão sem qualquer vitória até ao momento. Mas em contrapartida os mais pequeninos vão salvando a honra do convento pois no sem campeonato ocupam a segunda posição sendo a única equipa que até agora travou a caminhada vitoriosa do leader, o Óquei de Barcelos. Mas como é na participação que reside a virtude desta colectividade fangueira, e principalmente nas camadas mais jovens, portanto não se pode exigir mais.

Últimos resultados: **Seniores:** Barcelinhos, 4 - Fão, 0. **Iniciados:** Famalicao, 3 - Fão, 0. **Infantis:** Famalicao, 0 - Fão, 5.

Em torno das Derivações

(Continuado da pág. 7)

O silêncio voltava a pairar. Do meio do pinhal, lá para os lados da **BONANÇA:**

"Um pássaro cantava na noite"

... ..

"Empoleirado num galho"

Os seus pios arrepiavam-no, eram agoirentos. Para mais vindos das bandas do cemitério. Daí vem-lhe as memórias dos que partiram. É a nostalgia do dia de **FINADOS.**

*"Imagino que hoje no Cemitério de Fão
Lugar de paz como nenhum outro..."*

Ao lado, mesmo ao lado, como guardião dos pobres e dos namorados, Manuel de Fão olha atentamente a Capela de Santo António:

*"E Santo António no altar calado
Nos braços um Menino
Como em Fão na sua Capela
Isolada na paz dos campos
Onde o silêncio se mistura a doces cheiros
Difíceis de definir"*

Sentado junto à Fonte, o Autor procura respostas para o seu passado amoroso. Uma ténue imagem de dois namorados que juram amor eterno e atiram a moeda para a fonte.

CAROS AMIGOS

Manuel de Fão ao regressar à sua terra fá-lo por **NECESSIDADE.** Fá-lo para não se sentir:

*"Como um Pastor perdido
No monte do seu rebanho
À deriva, ao vento, ao relento"*

É um chamamento telúrico anunciado por uma **VISITA** inesperada. Uma borboleta interrompe-o na sua escrita e apercebeu-se de que esta lhe queria transmitir uma mensagem. Quiçá um convite para visitar a sua Fão.

CARO MANUEL DE FÃO

Não imagina o prazer com que hoje aqui apresentamos o seu livro **DERIVAÇÕES.** Li-o com agrado, um pouco apressadamente confesso, mas com o tempo suficiente para dar comigo a sonhar com Fão, com os seus recantos e encantos. É uma obra passional, não temos dúvida.

Trata-se de uma Monografia Poética da terra que todos nós nos habituamos a gostar.

Se outro título lhe pudesse dar, não lhe chamaria **Derivações**, mas antes **Convergências**, pois com ele, através da sua leitura, todos convergimos no mesmo sentido - a Fão de Ontem, de Hoje, a Fão do Futuro.

Fão, 28 de Dezembro de 2002
UM ABRAÇO

Optica Oliveira

Aleixo Ferreira, L.^{da}

Gabinete de Optometria e Contactologia

Rua da Misericórdia, 4-6

Tel. 253205170 • Fax: 253205179 - 4700-319 BRAGA

E-mail: aleixo.ferreira@oninet.pt

EFEMÉRIDES DE FÃO

1044 – Temos o Rio Kadavo (Doc. do Mosteiro da Graça).

1189-? – Testamento de D. Sancho I com a doação de Fão à filha mais nova (Dipl. 204); (Cartório da Sé de Viseu);

1220 – Há referência às Pescarias, pertencentes ao Rei e ao Convento;

1258 – Havia 25 casais de Lavradores-Pescadores e Salineiros;

1451 – Possível mercê concedida aos Carpinteiros e Calafates;

25-10-1603 – Demarcação do lugar de Fão (Tombo III, Almoarifado da Casa de Bragança);

1706 – Fão tinha 300 vizinhos, “quasi todos pescadores”;

1712 – Subida do Rio até à Barca do Lago, em Patachos, Caravelas e Barcas;

1758 – tem 300 fogos e 1.100 pessoas;

1762 – Tem 232 famílias, sendo 105 de Pescadores, com 311 redes;

(Há uma discrepância entre 1758 e 1762)

1798 – Do Cávado saiu um Lugre;

25-8-1809 – Suspensão das obras de encanamento do Rio Cávado, a pedido de Barcelos;

C. 1820 – Reabilitação dos Estaleiros de Fão;
1830 – Fão tem 12 Embarcações e cerca de 120 tripulantes;

1836 – Fão tem 366 fogos e 1.600 habitantes;

1866 – Fão tem 519 fogos e 1905 habitantes;

1884 – Construção do Cemitério;

1886 – Fão pede a construção da Ponte, ao Ministro da Guerra;

1909 – Construção do Hospital;

1957 – Fundação do Club de Futebol de Fão.

Oscar Fangueiro

CANTINHO DO PORTUGUÊS

Amar a Deus. Não está segundo os cânones ortográficos esta expressão. Foi no entanto consagrada pelo uso e, como tal, faz parte já da ortodoxia linguística nacional.

Os complementos directos dos verbos transitivos não são precedidos de preposição. Assim dizemos: **Amar os filhos, amar os pais** e nunca amar aos filhos ou amar aos pais. Nada a fazer: fazem já parte do léxico português.

CANTINHO DA MULHER Por MITÓ

Com o frio que tem feito, sabe bem começar a refeição com uma sopa bem quentinha. Sugiro esta: “Sopa de cebola gratinada”. Corte 4 cebolas grandes em rodelas; leve a alourar, durante 5 minutos um tacho grande, em lume brando, com 30 g de margarina, uma pitada de açúcar, uma folha de louro, dois cravinhos, sal e pimenta. Regue com um litro de calde de carne, uma colher de sopa de vinagre de vinho. Deixe ferver sobre lume brando, mexendo de vez em quando, durante 15 minutos. Junte dois dl de vinho branco seco e deixe ferver mais 15 minutos. Rectifique o sal e a pimenta. Distribua a sopa por tigelas que possam ir ao forno. Disponha sobre a sopa algumas fatias de pão torrado e polvilhe com 100 g de queijo ralado. Leve as tigelas ao forno muito quente (250°C) até o queijo estar gratinado. Pode seguir a refeição com estes “Filetes de pescada recheados”. Ingredientes: oito filetes de peixe fresco ou congelado, oito fatias de fiambre do tamanho dos filetes, oito delícias do mar, sal, pimenta e sumo de limão, farinha para polvilhar, ovo batido e pão ralado. Espalme os filetes e tempere com sal, pimenta e sumo de limão. Estenda os filetes e por cima de cada um coloque uma fatia de fiambre e uma delícia do mar. Enrole-os e segure com palitos. Passe os rolinhos por farinha, ovo batido e pão ralado e em seguida frite-os em óleo abundante, bem quente, sem deixar lousar demasiado. Acompanhe com espargos e tomates partidos em quatro e fritos.

Termine com esta sobremesa: “Torta de laranja ensopada”. Ingredientes: uma colher de sobremesa de

farinha, uma colher de café de fermento em pó, 500 g de açúcar, 13 ovos, 15 g de manteiga, sumo e raspa de três laranjas. Numa tigela misture a farinha, o fermento e o açúcar. Junte os ovos e bata tudo muito bem e passe por um passador. Por último misture a manteiga derretida e o sumo e a raspa de laranja. Forre um tabuleiro com papel vegetal e unte o papel com manteiga. deite o preparado no tabuleiro e coza em banho maria a 180°C. Quando vir que está cozido, desenforme para um pano polvilhado com açúcar e enrole com cuidado. Decore com meias rodelas de laranja, cortadas fininhas e secas no forno.

Dica: para retirar a máxima quantidade de sumo à laranja, coloque-a durante breves minutos em água quente ou durante um minuto no micro-ondas.

E por último não resisto em vos transcrever uma coisa que há tempos li e que achei muito engraçado. É uma receita bem temperada de conselhos. Aqui fica a receita muito especial que a actriz Beatriz Costa vai apresentar em discurso directo, 1.º “Em matéria de comida, sigo o conselho da minha avó Adelaide, que aos 92 anos tinha uma pele de porcelana. 2.º Ela dizia-nos: “Se vocês chegarem à minha idade com esta cara, provem de tudo e não comam de nada”. Eu só gosto de peixe barato (?) carapau, cachucho. Outros peixes é difícil. 3.º Hoje come-se muito mal. Nada de gorduras, doces! Comam legumes, frutas e bebam leite! 4.º Eu faço uma alimentação de grilo... Detesto caviar, prefiro ovas de sardinha! Sou patriota até na alimentação. Gosto de jovens saudáveis e por isso aconselho: provem de tudo e não comam de nada!”

E agora dizemos nós: Não é mesmo uma receita para não esquecer? Para ter melhor sabor, quer-se temperada com pouco sal, uma pitada de pimenta e cheirinhos de bom senso.

Serve-se a quente ou a frio, tanto faz. Pode aparecer em mesas de Primavera, Verão, Outono e Inverno. É sempre uma delícia.

E por hoje é tudo. Para o próximo mês dar-vos-ei a conhecer mais algumas curiosidades que penso serem bem apropriadas para esta coluna.

EM NOME DE DEUS

Homo homini lupus
Plautus, poeta (254-184 a.C.)

**Um dia, os homens
Abandonaram os deuses
Em que acreditavam.
E foram ao encontro
De um Deus único e verdadeiro,
Senhor de todas as coisas.
Mas à semelhança
Do que fizeram com esses deuses,
Deram largas
Ao seus desejos inconfessáveis.
Em nome de Deus:
Organizaram cruzadas,
Inventaram guerras santas,
Criaram Tribunais do Santo Ofício.**

**E tal como Plauto dizia,
Há mais de dois milénios atrás,
Cada vez mais, hoje em dia:
“O homem é o lobo do homem”.**

JOSÉ CÂNDIDO GOMES DA FONTE
de “Entre o rio e o mar”

O NOVO FANGUEIRO

Mensário Regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

CHEFE DE REDACÇÃO:

Maria Emília Corte-Real

COLABORADORES PERMANENTES

Armando Saraiva
Maria Emília Corte-Real
Fernando de Almeida
Cecília de Amorim
Dinis de Vilarelho
J. C. Vinha Novais
A. Ramos Assunção
Artur L. Costa
João Pedras
Carlos Mariz
Marta Mariz Mendes
Dias Costa
Florinda de Almeida
Maria Henriqueta Duval
Rosa Fonseca
António Viana
Maria Salomé
António Curado
Artur Saraiva
Edmundo Marques
José Cândido Gomes da Fonte
Emília Saraiva
M.ª Antonieta Vilas-Boas

REGISTO DO TÍTULO: 110131

CONTRIBUINTE N.º 143 241 702

PROPRIEDADE:

Armando dos Santos Saraiva

ADMINISTRADORA:

Zita Saraiva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

Rua de Cima, 5 – 4740-353 FÃO ou
Apart. 36 – 4740-908 FÃO
Telm. 9 19 451 667 / Telfs. 226 000 295 / 253 981 475
E-mail: onovofangueiro@sapo.pt

TIRAGEM: 1.100 Exemplares

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

BINOGRÁFICA
Rua Elias Garcia, 129 – 4490-628 PÓVOA DE VARZIM
Telfs. 252 615 230 / 252 684 318 – Fax 252 684 304

Clínica Dentária
Conde de Castro

Cláudia Silva / Sandra Silva
Médicas Dentistas

Horário de Funcionamento

2.ª a 6.ª feira: das 9:30 às 12:30 e das 14:30 às 19:30h
Sábado: das 9:30 às 12:30

Rua Conde de Castro, 25 – 1.º Esquerdo/Frente
4740 ESPOSENDE Telephone: 253.96 16 16

CLUBE ROTÁRIO DE ESPOSENDE Festejou 25 anos de vida

Por ARTUR L. COSTA

Na reunião festiva de 23 de Janeiro findo, no Hotel Nélia, o Clube Rotário festejou os 25 anos de vida e de actividade e de serviço à comunidade esposendense, com a presença exuberante de seus pares dos distrito 1970 e a presença do Governador Rotário, Henrique Pinto, do clube de Leiria.



O Governador Rotary entrega a flâmula a Costa e Silva

• A desgarrada à minhota

Presidiu à reunião José Alberto Costa e Silva, em segundo mandato e o protocolo, a cargo de Brás Marques, saudou as numerosas representações presentes e os convidados. Recordou de seguida as comemorações das Bodas de Prata deste Clube.

O ambiente aqueceu com a participação da dupla Canário/Miranda, de Viana do Castelo, em que a desgarrada encantou os companheiros, mais até pelas graças repentistas deste conjunto especialista na divulgação do folclore da nossa região minhota, além dos estudos efectuados nesta disciplina. Mas, como a reunião era de festa e no intuito de consolidar os laços fraternais entre a comunidade rotária, em especial o Clube de Esposende colocados nos "Top's" nacionais, o companheiro Adelino Marques, o arquivista e o historiador justificou com minúcia, no qual descreveu momentos bons e, também os menos bons, mas de intensa actividade junto da comunidade local e dentro do distrito rotário, sobretudo, de apoio aos clubes seus companheiros, o último em Viana do Castelo. Até que chegou aos pormenores da criação do clube, com o apoio dos companheiros de Barcelos. Somos testemunhas desses factos e da euforia reinante, entre Estalagem Zende e o Hotel Nélia, com passagem pelo Hotel do Pinhal Ofir e de Suave Mar. O dia 23 de Janeiro de 1978 é, por isso, data histórica do Clube Rotário de Esposende.

• Recordar os fundadores

Será de enaltecer, neste momento da história do Clube, o apoio do Clube de Barcelos através dos companheiros: José Augusto, Carlos Matos, António Monteiro, António Costa e Carlos Varandas e o primeiro presidente, António Guimarães Teixeira da Silva além dos primeiros 24 companheiros, que vieram alterar a pasmaceira de tantos anos de dispersão de vontades da gente válida da Vila e do concelho de Esposende.

Os companheiros falecidos tiveram honras, porque fiéis aos princípios rotary, adiantaram-se na caminhada

para o além, merecem referências, em separado, nesta data da história do clube. Que mais seria possível dizer nesta efeméride, decorridos 25 anos? Nem mais: tudo escrito em livro, devidamente arrumado e coligido, para ficar como exemplo no distrito rotário 1970, pois as movimentações dos associados, registos administrativos, contabilidade, o que se disse na comunicação social, local/regional ou nacional e as suas actividades ao pormenor, será mais uma faceta rotária a complementar o seu historial, já que a 11.ª Conferência Rotária do distrito 1970 constitui o seu ponto alto, entre outras actividades de interesse à comunidade.

• Plante Sementes de Amor

No momento das comunicações e informações, o companheiro Madureira Pires, Past-Governador, na qualidade de coordenador da 20.ª Conferência Rotária, felicitou o Clube em festa, anunciou a próxima Conferência a realizar em Coimbra a 16, 17 e 18 de Maio próximo, sobre o companheirismo e "actualizar a cultura Rotary", porque "o Mundo que futuro, o futuro do Rotary" salientando a necessidade de apoio de todos os companheiros; Eurico Bastos, de Matosinhos, recordou os próximos 50 anos de fundação do seu clube; o Provedor da Misericórdia de Esposende lembrou o ideário comum das entidades e o Lions; Agostinho Pinto Teixeira, dos B.V. de Esposende associou a missão rotary à causa dos Bombeiros; José Maria Rodrigues, do Clube de Barcelos, o "padrinho" recordou a ausência de José Augusto e fez entrega do "folar ao afilhado", afinal, a prenda de aniversário (placa alusiva); o Eng.º Vítor Silva Leite, vereador em representação da Câmara Municipal de Esposende, felicitou o clube aniversariante e prometeu o seu apoio na atribuição da Medalha de Mérito pelos 25 anos de actividade e de serviço à comunidade.

A terminar esta "maratona rotária", o Governador Henrique Pinto, do clube de Leiria, fez uma intervenção

cuidada e pedagógica, deixou alguns pareceres úteis ao clube em festa, invocou o presidente do Rotary International, Bhichai Rattakul, "Plante Sementes de Amor", como símbolo de Paz e sintetizou a missão do Distrito Rotário 1970 e do seu contributo para a consolidação dos laços de fraternidade; deixou recomendações de âmbito geral e fez um desafio a todos os Clubes: façam o seu historial e depois façam publicar em livro os resultados obtidos, como exemplo para os vindouros.

Integrado no plano da visita de trabalho a Esposende, o Governador Rotário anunciou os protocolos com entidades a nível internacional, mantendo o programa POLI, entre outros, além da Fundação Rotária e o apoio a estudantes de fracos recursos económicos. A troca de presentes e de lembranças terminou com a oferta, ao Clube de Esposende, da flâmula do Governador Rotário.

Neste acontecimento festivo estiveram representados os seguintes clubes: Esposende, Vila Verde, Valença, Ponte da Barca, Monção, Ponte de Lima, Barcelos, Fafe, V. N. Famalicão, Vila do Conde, Bragança, Viana do Castelo, Matosinhos, Senhora da Hora, Leiria e Caminha que, em unísono, cantaram os "Parabéns a Você!"

Companheiros falecidos

Carlos de Oliveira Martins, Comandante Honorário dos Bombeiros Voluntários de Esposende; Ernestino Augusto Cardoso de Miranda, industrial; Manuel José Dias Ferreira, operador de hotelaria e industrial; António Alves Ribeiro, construtor civil; João Conde Evangelista, Comandante dos Bombeiros Voluntários; Albino Ribeiro de Sá, industrial; Alberto do Espírito Santo Bermudes, agente de seguros; Eng.º Alexandre Losa Faria, presidente da Câmara Municipal de Esposende; António Guimarães Teixeira da Silva, bancário; Álvaro Nogueira Valentim, comerciante.

Foram estes companheiros dedicados que mereceram a recordação da sua passagem pelo Clube.

"Se querem pessoal eficiente e bom, venham ver como se trabalha no Hospital de Fão"

Por ARMANDO SARAIVA

Incentivado e ciceronado pelo nosso amigo e mesário (ainda é assim que se nomeiam?) da Santa Casa da Misericórdia de Fão, Umberto Didier, visitámos, que é, como quem diz, demos uma vista de olhos à renovada e ampliada recepção do nosso Hospital, cujo aspecto muito nos satisfaz e envaideceu. (Quem é o fangueiro que não se enche de "empófia" com as coisas boas da sua terra?). As duas saletas, ou melhor o hall e a saleta que lhe ficava à direita (para quem entra) foram englobados num só recinto, de que resultou uma recepção bem dimensionada, onde o bom gosto e a funcionalidade deram as mãos.

Sem dúvida que esta casa de saúde, construída em 1914, foi, para o seu tempo, remediável. Impunha-se, no entanto, a sua adaptação aos novos anos que iam surgindo. Eram precisos mais quartos, gabinetes para o pessoal administrativo, consultórios médicos, salas de serventia social e demais apoio logístico que uma casa destas necessita. Investiram-se, deduzimos nós, várias centenas de milhares de contos. O espaço que servia de quintal foi ocupado; não faltou um parque automóvel para as viaturas da casa. Instalações amplas, confortáveis, a denotar que prevaleceu a boa visão de construir para o futuro.

Neste apronto empenhou-se a Direcção e todo o pessoal que ali presta serviço, serviço que neste caso é sinónimo de dedicação e de muita gratuidade. Quase apetece dizer ao senhor ministro da Saúde e seus pares, face ao que se tem visto pelo país fora (está a saque): "Se querem pessoal eficiente e bom, venham ver como se trabalha no Hospital de Fão".

Neste momento recordamos com muita saudade, a exemplar dedicação demonstrada durante anos seguidos, até à sua morte, pelo director, senhor Adelino Saraiva.

O desejo de melhoras também para outro dedicado servidor, Adelino Monteiro, que no mesmo hospital, onde durante muitos anos trabalhou, só por amor à causa, se debate hoje com pertinaz e complexa doença.

CASAMENTOS

Espectacular salão c/ ar condicionado, Tv Gigante e sistema de som!

Temos o melhor serviço, as melhores ementas, a melhor decoração e o melhor PREÇO!

O s/ CASAMENTO vai ser animado c/ rancho folclórico, banda de música, cantares ao desafio e palhaços,

Tudo isto completamente grátis!

Consulte-nos e explicamos o porquê desta "oferta"

QUINTA DA MALAFAIA

Antas-Esposende - Tel. 253 20 37 40 - Fax 253 20 37 49

ARRAIS TODOS OS SÁBADOS



Malafaia Banquetes